

# Professora defende a abstenção

Enquanto centenas de candidatos procuram estimular a participação na eleição para diretor das escolas da rede oficial, que acontece amanhã, uma professora da Escola Classe nº 8 do Cruzeiro faz campanha contra o voto. A campanha foi a forma encontrada pela professora Dalcy Lima para protestar contra as pressões que afirma estar sofrendo desde o início de novembro, quando se candidatou à direção do estabelecimento de ensino.

Anteontem, Dalcy renunciou à candidatura, deixando a diretora do colégio, Maria Helena Rodrigues, disputar sozinha os votos dos eleitores. Dalcy conta que há vários dias vem recebendo telefonemas anônimos nos quais ela e sua família são ameaçadas de agressão física. Sua filha Fabíola, 18 anos, é o principal alvo. "Sempre dizem que se eu continuasse a campanha, minha filha poderia ser violentada", conta Dalcy.

Assustada, a professora preferiu abandonar a eleição. Ela acredita que as li-

gações partiram de pessoas ligadas à diretora da escola e por isso a renúncia funciona também como uma manobra que pode invalidar a candidatura de Maria Helena. De acordo com o regulamento do processo eleitoral, nas escolas onde há apenas um candidato, é necessário que pelo menos 60 por cento dos votantes participem do pleito.

Os últimos dias não foram dos mais fáceis para Dalcy, que demonstra grande decepção com o processo eleitoral na escola. Além dos telefonemas, ela diz ter sido agredida verbalmente por uma colega que defendia a candidatura de Maria Helena. De acordo com Dalcy, a diretora tem usado "funerários e instalações da escola para promover sua campanha".

Preocupada com a repercussão que a renúncia teria junto a pais e alunos que apoiavam sua candidatura, Dalcy distribuiu uma carta à comunidade, onde afirma que a diretora tem "desvirtuado normas e princípios democráticos". Também

acusa Maria Helena e os promotores de sua campanha de "levantar calúnia, disseminar mentiras, fazer ameaças, provocar divisão entre professores e levar engodo à comunidade".

Dalcy é professora da Escola Classe há cinco anos desde quando o colégio foi inaugurado e lamenta toda a situação criada com a eleição. "Acreditei que a eleição pudesse ser um processo educativo, mas percebi que tem se tornado algo deseducativo, principalmente para os alunos, e não quero mais participar disso", comenta. Ela justifica a campanha contra o voto em função do comportamento de Maria Helena.

"Uma professora que não sabe se portar numa eleição não tem condições de dirigir uma escola", proclama. Caso Maria Helena não consiga que 60 por cento das pessoas aptas a votar participem da eleição, a Fundação Educacional indicará alguém para ocupar a direção do colégio,